

4 A imagem autêntica de Deus para nossos dias

Sem pretender esgotar o tema almeja-se, neste terceiro capítulo, apresentar outras ponderações sobre o mesmo, particularmente olhando para o aspecto positivo da reflexão queirugiana²²¹ e concluindo com a verificação das contribuições que pode trazer concretamente para a práxis de uma vida cristã integral.

Na sua reflexão, o autor trabalha no sentido de ser necessário um esforço para se recriar e tornar visível uma nova imagem de Deus que responda ao aspecto mais original que Jesus revelou e que sintonize verdadeiramente os anseios, as intuições e as exigências do tempo presente²²². Quando ele usa a expressão *recriar*, refere-se à realidade encontrada hoje na Igreja. Essa traz, de um passado remoto, não a essência do que Cristo encarnou, mas velhos hábitos que contêm leituras ascéticas, litúrgicas e com a teologia de um tempo com o uso legítimo e até mesmo glorioso, desatualizado, que conservam uma imagem de Deus menos crível, possível de ser vivida²²³.

De modo que houve uma mudança de paradigma no pensar humano devido à revolução cultural da modernidade, na qual se atribuía a Deus, ou ao demônio diversos acontecimentos mundanos, conforme estes se demonstrassem como bons, ou maus. Hoje já não é possível pensar mais assim, pois os fenômenos ocorridos no mundo secular são regidos por leis imanentes, com autonomia própria e não mais por forças de fora do mundo.

Essa visão de Deus torna-se, portanto, supérflua como explicação causal de tudo que acontece e, além disso, acaba por prejudicar a

²²¹ O que podemos observar é uma mudança de paradigma proposta por Queiruga num aspecto central do cristianismo: a vivência pelo ser humano da atitude fundamental de Deus com respeito a ele. Como houve uma mudança de paradigma no pensar humano na modernidade, isso inclui também a religião, onde se refere à crença como se concebe que Deus esteja internamente disposto de frente para nós. Assim, Deus é um juiz que incute medo, legislador que dita deveres..., ou Pai que inspira confiança e promove a vida? A religião é vivida como peso ou como libertação? Cf. QUEIRUGA, A.T. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 13s.

²²² Cf. QUEIRUGA, A. T. *Pelo Deus do Mundo no Mundo de Deus: sobre a essência da vida religiosa*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 69.

²²³ Cf. *Ibid.*, p. 70.

credibilidade da fé²²⁴, uma vez que não só os livros de ciência o afirmam, mas também, de forma irreversível, os meios de comunicação e a escola²²⁵.

É nesse sentido que a teologia de Queiruga auxilia o debate e o diálogo com a realidade de hoje, de tal forma que a mensagem de Deus trazida por Jesus seja transmitida numa linguagem inteligível. Procura-se aqui, portanto, verificar como Queiruga apresenta a possibilidade de evidenciar Deus no mundo de hoje, através da única forma apresentada por Jesus como meio eficaz na evangelização: o amor. É através dessa experiência de Deus, trazida por Jesus e vivida pelos cristãos, que a imagem de Deus torna-se relevante para hoje e traz sentido e alegria para a vida.

4.1

A manifestação de Deus no mundo hoje

Quando Queiruga diz que é possível experimentar Deus no mundo atual quer dizer também que é possível ‘*mostrá-lo*’, diante da sua manifestação, e parte, assim, do extenso conceito e de longa tradição do silêncio de Deus²²⁶. No entanto para ele, ao mesmo tempo em que é uma dificuldade real, é também um equívoco pensar que Deus está em silêncio. Há uma beleza escondida que precisa ser resgatada por trás da imagem distante de Deus²²⁷.

De fato há uma dificuldade que sempre constituiu um enigma, pois na própria Bíblia os crentes sentem esse peso do silêncio divino não como negação da existência, mas como sensação de abandono e de indiferença. Encontra-se esta sensação de abandono nas expressões do salmista: “a ti, lahweh, eu clamo, rocha minha, não me sejas surdo; que eu não seja, frente ao teu silêncio, como os que descem à cova” (Sl 28,1), bem como a experiência de desamparo diante da negação. “Ó Deus, não fiques calado, não fiques mudo e inerte, ó Deus! Eis que teus inimigos se agitam, os que te

²²⁴ Vemos no pentecostalismo brasileiro a exacerbação da cosmologia acentuadamente dualista, fundamentada na crença de que, na atualidade ainda vivemos e participamos de uma empedernida guerra cósmica entre Deus e o Diabo pelo domínio da humanidade. Cf. R. MARIANO. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 44.

²²⁵ Cf. QUEIRUGA. A. T. *Pelo Deus do Mundo no Mundo de Deus: sobre a essência da vida religiosa*. p. 70.

²²⁶ O contraste entre o grito dos escândalos como o das crianças que sofrem, os escândalos que corroem por dentro mas também sangram e o silêncio de Deus como sendo o mais estridente, como o trágico abandono de Cristo no Calvário, é apresentado por Queiruga como sendo algo que em nossa época é muito sensível. Cf. A. T. QUEIRUGA. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. p. 145s.

²²⁷ Cf. QUEIRUGA. A. T. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. p. 169.

odeiam levantam a cabeça” (Sl 83,2-3), dentre outros: (cf. Sl 53,22; 39,13; 109,1).

Há também as expressões dos profetas, como: “teus olhos são puros demais para ver o mal, tu não podes contemplar a opressão. Por que contemplas os traidores, silencias quando um ímpio devora alguém mais justo do que ele?” (Hab 1,13; cf. Is 64,11)²²⁸. Até mesmo Jesus de Nazaré, como um de nós experimentou tal sentimento da ausência de Deus a ponto de dizer na última hora: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mc 15,34)²²⁹.

No entanto o teólogo acrescenta que é um equívoco supor que Deus se cala voluntariamente quando poderia falar mostrando-se com clareza e tornando tudo mais fácil e simples. Vê-se que é um equívoco pensar assim, porque não se trata do silêncio de Deus, mas da incapacidade da criatura para escutá-lo²³⁰. Explica que ouvir, ver, perceber e conhecer são ações que supõem uma reciprocidade no ser e no agir. Capta-se as cores, ou escuta-se a voz de uma pessoa, porque participa-se da mesma engrenagem física que move o mesmo jogo de força e que permanece com interfluxo contínuo, constituindo a normalidade do ser. Com Deus isso não ocorre, pois a diferença ontológica enuncia uma nomenclatura que é evidência comum: entre o Absoluto e o relativo, entre o Infinito e o finito, entre o Criador e a criatura, há uma distância intransponível, heterogeneidade radical, dissimilitude abismal. Se todos os caminhos que ligam a Deus parecem impedidos pela limitação natural, o que pode então captar o ser humano²³¹?

Neste caso, o que se deve admirar não é tanto o silêncio de Deus, pois de fato não é Deus que torna as coisas difíceis, como se pensa aleatoriamente. Mas o questionamento deve ser o de como é possível um amor tão grande que até seja capaz de realizar o impossível mistério desta comunicação com o ser humano, haja vista a imensa surpresa da Encarnação: Deus se faz palavra para se traduzir na carne humana e tornar acessível o inacessível²³².

²²⁸ Cf. *Ibid.*

²²⁹ Para Luis González-Carvajal, Deus manteve silêncio. Um silêncio atroz, que parecia dar razão àqueles que o haviam condenado. Até para Maomé foi tão incompreensível o fato de Deus ter abandonado uma figura da importância de Jesus que ele afirma no Corão que “não o mataram e não o crucificaram, apenas tiveram essa impressão”. Cf. L. GONZÁLES-CARVAJAL. *Nossa Fé*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 39s.

²³⁰ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. p. 170.

²³¹ Cf. *Ibid.*

²³² Cf. QUEIRUGA, A. T. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. p. 147.

Porém, o mais admirável é que por pouco que se reflita sobre isso, não é a dificuldade para se captar Deus, mas como, apesar de toda a distância, pode haver alguma comunicação com ele. Precisa-se inverter essa lógica racional e egoísta com a qual os cristãos são formados e perguntar-se a respeito de como Deus consegue se fazer presente na vida e na história do ser humano, superando todo abismo da diferença infinita?

Isso é o que se pode chamar de mistério da revelação. Essa abertura infinita do espírito humano para intuir de longe que é possível sentir como frágeis e também como obscuros os limites da criatura. Assim, todo o ser humano, de alguma maneira, é capaz de sintonizar com esta perspectiva e intuir, em sua profunda verdade, até sua *evidência*, uma vez que capte essa onda. O silêncio de Deus é desmascarado como mal-entendido acerca de um falar que está sempre vindo a nós, abrindo caminho sem descanso na obscuridade da nossa consciência e esperando pacientemente a mínima oportunidade para entrar em nossa vida²³³.

Por mais difícil que isto pareça, de fato, desde sempre, a humanidade descobriu Deus no mundo real, pois desde que existe o ser humano há religião e esta se torna uma expressão humana espontaneamente visível da presença divina. É algo que continua sendo válido no mundo de hoje contra todo prognóstico e que se percebe no seio da racionalidade técnica e da burocracia moderna, quando os movimentos de *reencantamento* do mundo, o pulular de religiões, para-religiões e superstições estão à volta do ser humano diuturnamente²³⁴. Se por um lado fica difícil '*provar*' a existência de Deus por meios naturais e humanos, pois é impossível para o ser humano conter o Eterno, por outro lado, é fácil perceber que ninguém vive sem essa presença e sem sua expressão religiosa por menor que seja.

Para Queiruga, falar em *provas* da existência de Deus significa, geralmente, apresentar um esquema o qual ele denomina, espontâneo: *nós aqui, Deus lá*; fala-se também das *provas no meio do caminho* para se chegar até Deus. Para ele é indiscutível que, desta forma, ninguém pode se chegar a Deus, pois o finito nunca alcançará o infinito. Para o autor esse é um esquema falso, que sugere justamente o contrário da situação real. Não temos porque chegar a Deus, pela simples razão de que ele já está sempre conosco. Assim, não se pode criar um meio de se chegar a Deus, mas sim de suprimir um obstáculo. A distância, na verdade, não existe, porque Deus está

²³³ Cf. *Ibid.*, p. 171s.

²³⁴ Cf. *Ibid.*, p. 173s.

sustentando o ser a partir da própria raiz, pois ele está mais presente ao ser humano do que o próprio ser humano mesmo. Não se necessita buscá-lo, porque ele está se manifestando continuamente.

Desta forma, a chave é se dar conta, abrir os olhos, precaver-se da sua presença. Esta, e não outra é a função das *provas*, que não podem ser *demonstração*, porém *mostração*: é a chamada de atenção que ajuda a despertar, é a ocasião para se dar conta²³⁵.

Para Torres Queiruga trata-se de uma atitude muito diferente da que geralmente se adota, a qual ele denomina de *maiêutica*, recordando Sócrates, onde a palavra que se diz ajuda o outro a *dar a luz* àquilo que já trazia dentro de si. Desta forma auxilia-o a dar-se conta de que, de certo modo, o que se evidencia no momento, já estava dentro de si, ou seja, ajuda-o a dar-se conta de que algo, de certo modo, já se havia anunciado em seu interior. Como Sócrates, o profeta, ou o fundador de uma religião não *coloca* em seus ouvintes algo externo, ou que lhes seja alheio, mas simplesmente os ajuda a *darem-se conta*. Por isso, *maiêutica* vem a ser a arte da parteira, aquilo que eles, ou elas, já são em sua realidade mais íntima, a partir da presença viva e atuante de Deus na criação e na história²³⁶.

No relacionamento com Deus isso se sucede de modo análogo, porém o que ocorre é que tudo é ainda mais íntimo. Não se trata de levar o interlocutor a algo que está fora, ou longe dele e de convencê-lo de algo estranho. Deus está sempre dentro de todo interlocutor, até daquele que não o vê, ou o nega; mais ainda: está sempre se manifestando, tentando fazer sentir seu amor e a força de sua salvação. E esta é uma novidade tão antiga quanto a humanidade, mas que precisa ser desvelada. Não é o ser humano que o leva ao outro: é Deus quem está sempre chegando.

A palavra tem apenas a humilde função da *parteira* – *maiêutica*, de ajudar para que sua presença venha à luz e para que o ouvinte, por fim, se dê conta. De sorte que o movimento fundamental, infalível e que jamais falta é sempre o que vai de Deus ao ser humano; o que falha e se descuida é o outro movimento que vai do ser humano a Deus²³⁷.

Deste modo, o profeta não expressa algo para ele, exclusivamente, mas sempre algo destinado à comunidade; nem descobre um Deus particular, mas

²³⁵ Cf. *Ibid.*, p. 178s.

²³⁶ Cf. QUEIRUGA A. T. *Autocompreensão Cristã: diálogo das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 18.

²³⁷ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Fim do Cristianismo Pré-Moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 16.

o Deus cuja presença viva está afetando a todos e procurando fazer-se perceber também por estes. O profeta é justamente um mediador, uma antena particularmente sensível: alguém que consegue dar voz à mensagem que dirige a todos. Não vem de fora trazendo algo de estranho à comunidade; mas está dentro dela e procura iluminar a realidade comum²³⁸.

Um exemplo bíblico encontra-se no Livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 10 e refere-se à luta interior do Apóstolo São Pedro, quando este precisava mudar seus conceitos acerca de Deus e reconfigurá-lo a partir da revelação de Jesus. Quando convidado a ir ao encontro do centurião Cornélio de Cesaréia, resistiu o quanto pode. Ora, Cornélio era um homem piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, fazia muitas esmolas ao povo e continuamente orava a Deus. Contudo, ainda não conhecia o Deus Pai do Senhor Jesus Cristo, mas o Pai já estava com ele. Pedro embora o conhecesse de ouvir falar, necessitou, desde os sonhos, ter seus conceitos abalados e rever seu modo de pensar. Foi quando em oração sobreveio-lhe um arrebatamento dos sentidos e viu o céu aberto. Aí a longa história pode ser abreviada, uma vez que o Apóstolo foi confrontado por três vezes com a figura do lençol contendo animais impuros que devia comer. Ao ser enviado à casa de Cornélio, este se prostrou para adorá-lo, porém Pedro o impediu e, levantando-o, apresentou-lhe o evangelho. Deus já estava lá na casa de Cornélio, mas Pedro ainda não sabia.

Parece que essa é a percepção de Queiruga quando diz que facilmente se pode compreender a transcendência destas considerações. Diante da angústia de quem quer *levar* Deus a qualquer custo, propicia-se a confiança básica de quem sabe que Deus já está ali e que é ele quem se manifesta e tem interesse em salvar. Essa confiança constitui, ao mesmo tempo, um verdadeiro chamado à autenticidade: palavra *maiêutica* que ajuda a descobrir o Deus presente e que só poderá ser a palavra que nasce da experiência que mergulha suas raízes na vida real. Essa palavra verdadeiramente ajuda o próximo, porque antes já ajudou a quem a anunciou. Assim, não é tanto impor o rigor lógico, mas o testemunho, a vivência que se compartilha, a empatia de uma palavra que traz luz à realidade da presença comum. Por isso, não são

²³⁸ Cf. QUEIRUGA A. T. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 44.

os lógicos, mas os santos, que sensibilizam o ambiente e tornam Deus perceptível à sua volta e em seu tempo²³⁹.

No entanto a beleza de toda essa verdade de que o Eterno está presente, de que o ilimitado invade o limitado, de que o Criador está ao lado da criatura, pode ser embotada pela imagem negativa desse Deus. Viu-se, anteriormente, que tanto Pedro quanto o centurião Cornélio precisaram um do outro para *reconfigurar* a imagem que tinham de Deus. Ou seja, se Deus é percebido e/ou mostrado, fenomenologicamente, através das expressões religiosas humanas, é porque ele é acolhido/assimilado no sentido de se fazer experiência, no sentido empírico mesmo, dentro da individualidade.

Após isso, necessita-se, perguntar: qual o significado fundamental da religião na vida? Como Deus é concebido, como se pode crê-lo internamente e de um modo profundo, como pode se perceber que, de fato, ele esteja disposto de frente para o humano? É ele um Deus juiz que incute medo, um legislador que dita deveres? Ou ele é um Pai que inspira confiança e promove a vida? Este é o ponto fundamental a partir do qual se pode afirmar que a religião pode ser vivida como um fardo pesado, ou como libertação.

Fatalmente a presença de Deus na vida e na história da humanidade é, na maioria das vezes, vivida secretamente sob as vestes do temor e do medo. Essa secreta convicção atinge substratos tão profundos da consciência coletiva que se pode afirmar que vem a ser o aspecto mais comum, senão o único comum, das diferentes posições: evidencia um Deus como rival e a religião como opressão para o ser humano. Quando se percebe Deus presente, percebe-se um Deus que habita o fundo comum da consciência como uma presença exigente, que impõe obrigações duras e difíceis e que pode manifestar-se em castigos obscuros, dolorosos e inexplicáveis. Isso é algo que sempre torna a existência mais incômoda e mais pesada a vida²⁴⁰.

Contra toda essa afirmação da realidade hodierna é que o autor pesquisado estimula a busca pela verdadeira face de Deus, revelada através de Cristo Jesus. Quando a imagem de Deus é restaurada, renova-se também, dentro de cada um, em sua mente e em seu coração, o conceito que tem de si mesmo, ou seja, seu próprio autorretrato.

O ser humano foi criado por Deus à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,27), contudo, por predisposição da ordem da natureza, acompanhada de

²³⁹ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. p. 182s.

²⁴⁰ QUEIRUGA, A. T. *Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 14s.

experiências de negação da presença amorosa de Deus na sua vida, derruba toda a autoestima original e passa a considerar-se um nada, sem *Pai no mundo*.

Contudo, percebe-se que Deus brindou o homem e a mulher com o prazer de viver: “Tudo o que ele fez é apropriado em seu tempo” (Ec. 3,11). *Mas os traumas, as autocríticas sem compaixão, as frustrações* formuladas pelos contextos dos lugares da nossa jornada e as enfermidades físicas e emocionais fazem minguar a alegria. Se Deus não for verdadeiramente o Pai, o ser humano se encontrará desamparado, como se sentiram os discípulos que perguntaram: *Senhor, a quem iremos* (cf. Jo 6,68)? Ou se sentirá como o mais miserável de todos os homens, existencialmente falando. Não obstante, Deus continua trabalhando em favor de sua criatura como afirma Jesus no Evangelho de João 5,17. Ele está com os seus e estará até o final dos tempos (cf. Mt 28,20) para que se viva de modo que valha a pena, pois isso, de verdade é a alegria dele (cf. Ef 1,12). Se Deus está tão presente, o seu desejo é que o ser humano seja um vencedor. *Na verdade, mais que vencedor* (cf. Rm 8,37). Pois Ele é o Deus que deixa um legado de promessas, de carinho, de experiências dos antepassados com uma vasta história de cuidados em relação ao ser humano, nesse sentido. E, ainda mais do que isso, é um Deus que luta as batalhas, lado a lado com os seus (cf. 2Cr 20,15b) suprimindo todas as suas necessidades (cf. Fl. 4,19).

4.2 O Amor como experiência de Deus

A descoberta de um Deus que se apresenta a cada instante da vida é um fato, por si só, positivo e que transforma o modo como se vive. Mas, isso não é tudo, esse Deus desvelado pelo autor é um Deus que se apresenta como amor puro, gratuito, sem medida e que, através do cristianismo, deve ser mostrado como libertação essencial e exclusiva. Esta mensagem de amor está situada no centro vital do cristianismo e só o fato de enfocá-la leva a consequências transcendentais para a vida cristã²⁴¹.

Este tema, na visão de Queiruga, tem a grandeza que, em seu conteúdo ultrapassa qualquer tratamento e deixa o ser humano sempre insatisfeito. Isso o é, pelo simples fato de que nunca se diz o suficiente a respeito de Deus e quanto mais se aprofunda nele, mais se percebe a

²⁴¹ Cf. *Ibid.*, p. 16.

distância insuperável entre o que no amor se anuncia e o que o pensamento humano diz, ou é capaz de dizer. O que pode se considerar nada mais que balbucios, ou insinuações humildes para apontar à uma riqueza sempre maior a ser explorada²⁴². É sobre esse ponto fundamental da experiência cristã que se discorrerá adiante.

4.2.1

O núcleo da experiência cristã

Queiruga parte do princípio que, para se chegar à compreensão, de fato, das religiões, em geral a fenomenologia mostra que não é suficiente um processo cumulativo de dados, nem sequer a consciência de seu processo histórico, mas é preciso ir ao centro, ao núcleo vital que informa e coordena todos os dados e as manifestações para se captar o todo como uma unidade viva e perceber, ainda, seu significado preciso. Desta forma, o próprio cristianismo está sujeito a esta lei.

Citando Anders Nygren²⁴³, em seu livro *Eros y ágape*, Queiruga diz que seu acerto, indiscutivelmente, foi o de assinalar que o amor *agápe*²⁴⁴, constitui o *motivo básico* do fenômeno cristão. Para ele não se trata de exclusivismo, pois determinadas religiões, ou movimentos dentro delas como no hinduísmo, ou islamismo, também vão nessa direção apalpando alguma manifestação do amor. O que ele sublinha é que, no cristianismo, o *princípio amor* adquire seu primado indiscutível²⁴⁵.

Ao fazer essa avaliação ele afirma que todo o dinamismo da revelação bíblica assegura o amor de Deus, sem margem de dúvidas. A relação com o divino tem um caráter pessoal que lentamente foi aprendido e que passou o fundamental, que é o amor. Um amor salvador de Deus, que liberta da escravidão coletiva, em primeiro lugar, e que depois vai se mostrando como preocupação profunda e individual pelo pobre, pelo órfão, pelo escravo, pelo estrangeiro e pela viúva. Um amor que se revela como motivo da própria criação e de toda relação de Deus com a história, que se torna chamado ao amor para o homem, como forma fundamental de sua vida: dirigido

²⁴² Cf. QUEIRUGA, A. T. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 109.

²⁴³ Cf. *Ibid.*, p.110.

²⁴⁴ Queiruga transcreve literalmente do grego a palavra *agápe*, pois a palavra “*ágape*”, que é normalmente usada, já tem o significado de “refeição que os primeiros cristãos tomavam em comum” (conforme o Novo Dicionário Aurélio), pois procura recuperar seu sentido cristão específico.

²⁴⁵ Cf. *Ibid.*, p.110.

igualmente para Deus e para o irmão, transformando em suporte coletivo da Aliança²⁴⁶. Neste mesmo diapasão, Jesus conduzirá este espírito à sua consumação plena. Viu-se no capítulo dois, que sua vida, tanto quanto sua palavra, tornou-se parábola viva do amor; um amor que se funda em Deus, como *Abbá* que ama sem restrição e perdoa sem condições, que se abre aos homens e mulheres de todos os tempos num padrão único e supremo de conduta, quando resume toda a Lei a um *mandamento novo*²⁴⁷.

A novidade que há em Queiruga, no entanto, não está no fato de se observar as belas palavras de amor que a Igreja vem proclamando ao longo de toda sua existência. Conforme ele, infelizmente, não basta reconhecer de forma teórica esses princípios. É lógico que durante toda a história sempre houve aqueles que, de fato, viveram o amor norteador do evangelho, mas paralelamente a estes, muitos na Igreja sucumbiram ao poder, em detrimento do amor.

E qual seria, então, a essência do cristianismo? J. B. Libânio diz que a busca pela essência do cristianismo tem sido respondida de muitos modos. Faz um comentário significativo sobre o que pensam vários autores. Por fim diz que tentou, a partir dos mistérios centrais da fé cristã, formular uma síntese do seu conteúdo central. Para ele a fé cristã é trinitária e se exprime na exigência comunitária da Igreja, cuja expressão máxima está na celebração da eucaristia e na vida da sociedade. Acrescenta, ainda, que o cristão vive a Trindade quando é Igreja e enquanto se mostra como pessoa comprometida com o convívio humano na sociedade, na linha da justiça e da paz, contra toda violência e guerra²⁴⁸.

Assim, percebe-se que não é só um mergulho no centro da consciência religiosa, nem um estar direta e imediatamente diante de um Deus distante, que se encontrará esse núcleo. É preciso uma convergência fundamental para o Deus do mundo e para o mundo de Deus.²⁴⁹ É preciso que, de fato, o cristianismo seja vivenciado cordialmente e seja reinterpretado lucidamente como a religião do amor. Toda a doutrina sobre Deus e toda a concepção do ser humano precisam ser revisadas e remodeladas à luz do amor como seu dinamismo mais íntimo e como sua substância mais específica.

²⁴⁶ Cf. *Ibid.*, p.111.

²⁴⁷ Cf. *Ibid.*

²⁴⁸ Cf. LIBANIO, J. B. *Olhando para o Futuro: perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola. 2003. p. 40.

²⁴⁹ Cf. QUEIRUGA. *Pelo Deus do Mundo no Mundo de Deus: sobre a essência da vida religiosa*. p. 17.

De modo que a grande expectativa do mundo atual passa pela credibilidade do cristianismo, pois o trágico da evolução da consciência histórica moderna, em relação ao cristianismo, é que este acabou sendo vivenciado e interpretado como proposta opressiva, hostil à vida e até provocadora de dissensões, perseguições e de guerras. *Ressentimento* que envilece (Nietzsche), *ópio* que aliena (Marx), *ilusão* que infantiliza (Freud)²⁵⁰; a religião do amor, por fim, acaba sendo rejeitada como grande inimiga da autonomia e da plenitude humana. E tudo isso não passa de um grande e terrível mal-entendido que precisa ser erradicado e que Feuerbach²⁵¹ detectou como sendo a raiz do ateísmo moderno: o Deus que em Cristo, “sendo rico, se fez pobre por vós, para vos enriquecer com sua pobreza” (cf. 2 Cor 8,9) é, então, rechaçado como o vampiro que vive à custa do empobrecimento do homem, pois “para enriquecer a Deus, deve-se empobrecer o homem e para que Deus seja tudo, o homem deve ser nada”²⁵².

Assim espera-se e vislumbra-se, já, essa luz no horizonte, que à força dos fatos consiga descartar muitas confusões teóricas e que, com toda a probabilidade, conforme afirma Queiruga, têm sua verdadeira raiz em inconseqüências práticas. Estas, possivelmente originadas de uma instituição que, vítima de seu próprio poder, incorreu em cegueiras, intolerância e injustiças que contradizem sua própria essência original. O desafio é que, enquanto o cristianismo não for vivido e não se manifeste como efetiva religião do amor, continuará intacto o nervo mais duro do mal-entendido. Só o amor poderá cortar aquilo que, para a pura teoria se transformou em insólito *nó górdio*²⁵³.

Desde o nascimento da era moderna, parece correr pelos sulcos mais profundos da (sub)consciência ocidental a obscura convicção de que Deus é a enorme presença opressiva, cuja eliminação se torna necessária para que o

²⁵⁰ Cf. QUEIRUGA. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*. p. 112.

²⁵¹ Feuerbach consagrou a expressão “essência do Cristianismo” com um livro que, em vez de ser a real essência do Cristianismo, é a sua demolição como religião da transcendência, tornando a religião uma mera projeção antropológica. Cf. LIBANIO, J. B. *op. cit.* p. 38.

²⁵² QUEIRUGA. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*. p. 112s.

²⁵³ Cf. *Ibid.* Nó que não se consegue desatar. Segundo a lenda, um oráculo declarou que reinaria sobre toda a Ásia quem lograsse desatar um estranho nó existente no carro do rei frígio Górdio. Conta-se que Alexandre Magno cortou o nó a golpe de espada. Cf. A. SCHÜLER. *Dicionário Enciclopédico de Teologia*. Canoas: ULBRA. 2002. p. 333.

ser humano cresça livremente e expanda-se sem impedimentos ao sol da vida e do progresso²⁵⁴.

Fica, assim, claro o grande desajuste que se abriu entre a promessa magnífica do inicial *Deus é amor* e a vivência concreta na qual essa promessa costuma ser traduzida²⁵⁵. Queiruga busca uma resposta para esse possível mal entendido, que é tão grave, tão universal e tão constante. Uma das razões é o drama da existência que sempre foi o catalisador do tema ético para o ser humano. Na ética, toca-se o fundamento incondicional da liberdade humana e experimenta-se a proximidade com o divino. Nas possibilidades extremas de sua existência Deus aparece ao ser humano, especialmente ao ser religioso, como uma promessa e como uma garantia, como exigência e como chamado a uma grandeza infinita²⁵⁶.

Contudo, se o humano pudesse realizar-se na pura espontaneidade de uma liberdade incondicional, não haveria problema: Deus apareceria como o fim perfeito do ser ético, como a consciência clara de uma comunhão infinita, como a segurança de uma felicidade sem fim. Infelizmente não é assim que acontece. Fazer essa leitura e assumir a ambiguidade dessa liberdade sempre deficiente e intrinsecamente limitada é encontrar o problema. No próprio cerne dessa grandeza surge constantemente a miséria radical da pessoa: em forma de angústia ou de culpa, de prepotência, ou de tragédia, o ser humano sente-se continuamente ameaçado²⁵⁷.

Por isso o *medo da liberdade* constitui uma constante na história. E é nessa ambiguidade radical e insuperável que se origina a confusão. A angústia tende a se exteriorizar e a se objetivar; o dramatismo interno traduz-se em drama externo; o peso da própria responsabilidade projeta-se em poderes alheios: o medo da liberdade converte-se em medo de Deus e, a partir daí tudo se transforma. A promessa de Amor converte-se em ameaça, o chamado em imposição, a existência em castigo, o Evangelho em Lei²⁵⁸.

²⁵⁴ Cf. QUEIRUGA. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. p. 32.

²⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 35.

²⁵⁶ Cf. *Ibid.*, p. 37.

²⁵⁷ Cf. *Ibid.*, p. 38.

²⁵⁸ Cf. *Ibid.*, p. 39.

4.2.2 Deus: fonte de felicidade

Quando atenta-se para o contraste entre a profunda aspiração pela felicidade e pela angústia de sua plena realização, tem-se a tendência de perguntar: Onde está Deus? Porém é importante, ao lado do teólogo, dizer que o que importa é a impressão de conjunto, o estilo fundamental desse Deus que se abre à revelação. E a melhor maneira é aproximar-se do núcleo da experiência religiosa de Israel, de sua origem que se fundamenta na experiência do Êxodo. Encontra-se aí uma confissão de fé que todo israelita piedoso recitava no santuário, quando apresentava as primícias²⁵⁹:

meu pai era um arameu errante: ele desceu ao Egito e aí residiu com poucas pessoas. Depois se tornou uma nação grande, forte e numerosa. Os egípcios, porém, nos maltrataram e humilharam, impondo uma dura escravidão sobre nós. Clamamos então a lahweh, Deus dos nossos antepassados e lahweh ouviu a nossa voz. Ele viu nossa miséria, nosso sofrimento e nossa opressão. E lahweh nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido, em meio ao grande terror, com sinais e prodígios. E nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra: uma terra onde corre leite e mel (Dt 26,5-9).

Observa-se, portanto, que Deus aparece, exclusivamente, como aquele que se preocupa unicamente com o bem do ser humano, livrando-o do mal – “tirou-nos do Egito – e conduziu-o à felicidade – dando-nos esta terra, uma terra onde corre leite e mel” (cf. Dt. 26,8.9). Mesmo diante de tantas crises e angústias estas nunca chegaram a obscurecer a experiência fundamental. Quando se estende ainda mais para traz a história da salvação, surge a narrativa da criação, na qual Deus cria o ser humano para a felicidade do paraíso. Se a narrativa apresenta pecados e castigos é precisamente para esclarecer, de algum modo, a realidade do mal do mundo, mas que, de forma alguma, ofusca a ideia fundamental de que a intenção de Deus é a felicidade do ser humano. Quando a história da salvação estende-se para frente, aparece a expectativa escatológica, na qual Deus se mostra como plenitude e como herança para o ser humano²⁶⁰.

Queiruga afirma, deste modo, que a história humana está entre a protologia e a escatologia. É a dura e real história na qual aparecem os pecados e os castigos, as promessas e as ameaças, mas sobretudo, o Deus “cujas entranhas se comovem como aquelas de uma mãe” (cf. Is. 49,15) e

²⁵⁹ Cf. *Ibid.*, p. 119.

²⁶⁰ Cf. QUEIRUGA. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. p. 120.

também o Deus de uma ira “mais terrível do que os exércitos enfurecidos” (cf. Is 34,2). Este é o espaço intermediário em que a experiência radical do amor de Deus perde sua *inocência*, para ser posta à prova nas cruéis limitações da realidade. É posta à prova, mas nunca negada. Até mesmo nos momentos mais duros e cruéis, quando a força do mal sobre o indivíduo, ou sobre a comunidade ultrapassa a capacidade de compreensão humana e faz surgir a confiança no amor e na bondade de Deus como palavra final²⁶¹.

Outro momento encontra-se na grande e terrível história coletiva do Exílio. Aí tinha-se a impressão de abandono por parte de Deus. E ainda mais, de derrota do próprio Deus pela força do mal, ou seja, a derrota de Israel pela Babilônia que se interpretava como derrota de Iahweh pelos deuses babilônicos. As experiências do amor e da bondade de Deus superam todo aquele sentimento, quando homens de profunda relação com o Deus vivo, como Jeremias, Ezequiel, Isaías, descobrem Sua presença amorosa no sofrimento de seu povo e ajudam-no a suportarem a desgraça e a superá-la com a esperança²⁶².

4.2.3

Jesus: identidade do Deus amor

Para Queiruga toda palavra do Antigo Testamento permanece aberta até encontrar em Jesus o sim definitivo de Deus (cf. 2 Co 1,19-20). Assim, o mais profundo do coração de Deus, os fundamentos mais distantes de sua solicitude, somente em Cristo são abertos, com definitiva segurança. Em Jesus, em sua doutrina e em seu exemplo nota-se a atitude de Deus com respeito à realidade da dor humana. Observa-se, então, na própria carne de Jesus a atitude de Deus em relação à dor de seu próprio Filho, ou seja, em relação à sua própria dor, quando entra na finitude humana, submetido às limitações do mal²⁶³.

O autor faz, então, uma observação sobre a atitude na vida de todo ser humano que se encontra numa zona determinada do espaço social. Em geral essa zona situa-se nas camadas superiores, sob a luz da riqueza, do prestígio e do poder, longe dos lugares escuros e sombrios, em que reinam a miséria, o sofrimento e o abandono. Jesus fez o movimento inverso. Desde o começo, sua vida situou-se no escalão mais baixo do espaço social, ali onde

²⁶¹ Cf. *Ibid.*

²⁶² Cf. *Ibid.*, p. 121.

²⁶³ Cf. *Ibid.*, p. 123.

conflui toda miséria humana: os pobres de pão e de cultura, os enfermos de corpo e de espírito, os desprezados pela religião e pela sociedade.

Vê-se então, que em Jesus não aparece, de forma alguma, um Deus afastado da miséria humana. De toda classe de miséria: da angústia do ser humano diante da força cega das catástrofes naturais, como quando os discípulos foram surpreendidos num barco sem defesa (cf. Jo 6,17); da dor da mãe na morte de seu filho único (cf. Lc 7,12), ou da viúva, de quem todos abusam; do desespero do amigo assassinado por motivos políticos absurdos; da tremenda solidão de todos os excluídos da sociedade; da dor física em todas as formas e graus de crueldade; da fome, da sede, do desamparo; do desprezo social mais rude, ou do mais refinado, em suas formas políticas, culturais, ou religiosas. Era um contato que Jesus mantinha não por obra do acaso, mas que foi procurado, consciente e de forma reflexiva²⁶⁴.

Deste modo, Jesus é aquele que, como o Pai, está incondicionalmente ao lado das vítimas e diante do mal que as oprime para salvá-las. Sua vida inteira é dedicada à oposição das forças do mal. A sua presença, como a do Pai, liberta o ser humano da miséria radical que o oprime, do pecado, como também de suas consequências: doença, fome, desprezo²⁶⁵. Sua missão consiste em trazer, justamente essa boa notícia, o evangelho, anunciando que Deus está presente com seu amor e com o seu poder para salvar a todos. Em Jesus o reino de Deus torna-se presente para todos, principalmente para os excluídos da sociedade, que jamais serão excluídos da aliança com Deus, por isso diz: “...Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20)²⁶⁶.

4.2.4 O agir de Deus como amor

Contra toda a cultura da percepção imprópria da imagem de Deus, Queiruga afirma que Deus somente pode ser compreendido como amor. Por sua própria essência o seu amor ultrapassa toda compreensão humana. O Apóstolo São João já compreendia isso, quando escreveu: “Se o nosso

²⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 124.

²⁶⁵ Em Mc 2,19 lemos: *Podem porventura os filhos das bodas jejuar enquanto está com eles o esposo? Enquanto têm consigo o esposo, não podem jejuar.* Schillebeeckx diz que enquanto Jesus ainda estava com eles não poderiam jejuar, pois eram incapazes de assim fazer e não devido a alguma espécie de dispensa legal, mas à impossibilidade existencial de fazer de outra forma, ou seja, de estar tristes na presença de Jesus. Cf. E. SCHILLEBEECKX. *Jesús, la historia de un viviente.* Madrid, Trota. 2002. p. 185.

²⁶⁶ Cf. QUEIRUGA. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã.* p. 126.

coração vier a nos condenar, porque Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas” (1Jo 3,20). Compreender essa verdade para reformular a imagem de Deus é muito difícil, pois continuamente o humano projeta sobre ele seus fantasmas. A cada instante o reduz, na medida de seu egoísmo, e o carrega com suas angústias deformando sua imagem, com suas ideologias. O que aconteceria se o amor de Deus, afirmado sem limite e sem temor (cf. 1Jo 4,18) se transformasse, na matriz permanente e definitiva de toda interpretação do agir de Deus em relação ao ser humano?

Esse deve ser o princípio e o fundamento. Ou seja, se *Deus é amor* quer dizer que o é em todo o seu ser e em todo o seu agir. Por isso, Deus consiste em amar. Na linguagem humana e deficiente, deve-se dizer que, da parte de Deus, ele não sabe, nem quer, nem pode fazer outra coisa, senão amar. Pode-se duvidar de tudo, a começar pelo ser humano mesmo. Mas não é lícito duvidar do amor de Deus. Por amor ele criou o ser humano e unicamente para sua realização e felicidade²⁶⁷. Esse conceito cristão do amor é e permanecerá sempre uma construção inacabada, pois encerra em si toda a história da revelação como algo que é preciso aprender sempre de novo, a partir da referência a uma práxis histórica, por sua vez, sempre aberta.

Em todo o relato do Antigo Testamento e, de modo irrevogável e expresso a partir do profeta Oséias, o agir de Deus com seu povo é sempre um agir de amor. No Novo Testamento não é mais do que o gesto do *amor de Deus em Cristo*. É todo esse acúmulo de vida, de reflexão e de experiência que deve entrar na polaridade aberta entre a captação *nocional* do amor de Deus. Além do que está escrito nas Escrituras, outra forma mais contundente de confirmar este fato é a concretização visível da *agápe*.

É na figura de Jesus Cristo que se encontra a síntese inesgotável de sua profundidade mais cordial e tangível da sua humanidade e de seu amor. Cristo é a *agápe* feita carne. Olhando para ele podem ser sintetizadas as qualidades que definem a especificidade da *agápe* cristã. Sua iniciativa é a espontaneidade no sujeito que ama, bem como a correspondente e possível não-motivação por parte do objeto amado. Também sua universalidade é importante, não só porque Jesus rompe com todo vínculo étnico e limitação metafísica, mas principalmente por Ele não admitir as exceções que as pessoas normalmente fazem, sejam por razões humanas – os pobres, os enfermos, os marginalizados sociais, ou por razões religiosas – os pecadores,

²⁶⁷ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*. p. 139s.

pois Deus faz “nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45).

O absoluto do amor de Deus se apresenta em várias dimensões na vida de Jesus. Primeiramente em seu perdão sem limite: “até setenta vezes sete” (cf. Mt 18,22), como negação de todo obstáculo e como afirmação da primazia absoluta; também o mandamento, como totalização da realização subjetiva: “amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito” (Mt 22,37) e, ainda, como síntese de toda exigência objetiva: “desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22,40).

Entretanto, há ainda um paradoxo que diz respeito à capacidade de assumir em si mesmo sua própria contradição: “amai vossos inimigos” (Mt 5,44), na garantia de ter sempre a capacidade de reconciliação para vencer o ódio com o amor e, por fim, culminar axiologicamente, todas as virtudes, onde a maior delas é a caridade (cf. 1Cor 13,13). Com indispensável validação de toda outra atividade, ou carisma: “ainda que distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse meu corpo às chamas...” (1Cor 13,3) Não obstante tudo isso, como realização histórica do absoluto, não se admite limites para encontrar a *Kénosis*²⁶⁸. Se realmente se quer amar a todos é necessário ir para baixo, para o nada dos condicionamentos sociais e para o nada da condição humana: *Até a morte* (cf. Fl 2,5-8)²⁶⁹.

4.2.5

O ser humano e o amor: liberdade

Diante da demonstração do amor de Deus revelado, em sua sublimidade, em Jesus Cristo, o ser humano é chamado a desfrutar do processo de salvação que lhe é oferecido. Chamado também a superar o equívoco de carregar, em nível religioso, aquilo que para Queiruga é, justamente, a própria essência do nível ético, ou seja, simplesmente o peso inevitável, que devido à finitude, comporta o ser que se torna homem, ou mulher. O Antigo Testamento já havia compreendido isso e, contrariamente ao que muitas vezes se diz ou pensa, Israel sempre celebrou a revelação da

²⁶⁸ Do grego, *kenosis*, esvaziamento. Um verbo que aparece em Fl 2,7: *heauton ekenosen* = (Cristo) “esvaziou-se a si mesmo”. Cf. A. SCHÜLER. *Dicionário Enciclopédico de Teologia*. Canoas: ULBRA. 2002. p. 390.

²⁶⁹ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*. p. 134s.

lei divina como um grande dom salvífico. O Apóstolo São Paulo resume isso para sempre: “é para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1)²⁷⁰.

Esse chamado para a salvação (como aceitação, ou recusa) por parte do ser humano passa pela dialética indicativo-imperativa. E não se trata simplesmente de que Deus não imponha nenhuma carga a mais sobre as costas do humano, mas, sobretudo, que ele concede sempre aquilo que este lhe pede, aquilo que será exclusivamente para o bem do dele. O imperativo nada mais é do que o chamado a apropriar-se pessoalmente daquilo que antes foi doado: “já que vivemos no Espírito (indicativo), caminhemos segundo o Espírito (Imperativo)” (Gl 5,25). Em um cristianismo, assim, retamente vivido e entendido, a alegria do anúncio (indicativo) prolonga-se com toda a naturalidade no chamado (imperativo) a viver o anunciado²⁷¹.

Viver esse novo estilo de vida de Cristo, no amor de Deus é o que Paulo afirmou quando disse que a esperança pode ser vivida *contra toda a esperança* (cf. Rm 4,18). O amor sendo maior (cf. 1Cor 13,13) pode ser vivido para além de todo amor, pois Jesus o mostrou com sua morte e Paulo o tematizou com segurança inquebrantável:

pois estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem a altura nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8,38-39).

Isso mostra que o amor cristão tem energia suficiente para ir recriando continuamente, apesar de tudo, sua própria história²⁷².

Todo amor de Deus pelo ser humano o torna absolutamente livre. Quando a pessoa responde positivamente, de forma mais radical, dirigindo-se, verdadeiramente, a Deus, busca, então, em tendência insaciável, alcançar a plenitude divina: é a ânsia do infinito que lhe habita. Esta ânsia, quando permanece em si mesma, tende a inflar o eu finito nas deformações de soberba, poder, ou nos vários tipos de absolutismos e constitui-se pecado, demonstrando o orgulho de quem quer *ser como Deus* e provoca as piores quedas. Contudo, quando a pessoa toma consciência da possibilidade de identificação com Deus, em uma comunhão amorosa com ele, o amor torna-se a força que tudo une, impelindo, assim, à plenitude da comunhão. É o

²⁷⁰ Cf. *Ibid.*, p. 146.

²⁷¹ Cf. *Ibid.*, p. 147.

²⁷² Cf. *Ibid.*, p. 157.

dinamismo que leva a pessoa a unir-se a Deus, deixando para trás toda particularidade finitizante e caduca²⁷³.

Uma consequência imediata é a evidência e a legitimidade do amor ao ser humano. Cada pessoa é fruto do amor de Deus. Como algo precioso, está impregnada de amor e destinada a amar profundamente, destinada a estimar-se e a estimar aos outros, ou seja, é alguém “por quem Cristo deu a vida” (cf. 1 Cor 8,11). Portanto, amar-se profundamente é identificar-se com o amor infinito que Deus tem para com todos, tornando-se profundamente libertador, tanto interiormente, na afirmação alegre do próprio ser, como exteriormente, no amor que se abre aos demais²⁷⁴.

4.3

A imagem autêntica de Deus: sentido e alegria existencial

Ao caminhar para o final da presente exposição, acredita-se que ficam explanadas aqui as categorias visualizadas e que, as mesmas, embora digam respeito às realidades da vida humana atual, requerem leituras sempre atualizadas, que partem das novas perguntas e dos novos problemas que cada geração precisa enfrentar. Qual têm sido hoje a alegria e o sentido da vida? Que significa falar da alegria que o ser humano sente em Deus e diante de Deus? É possível falar em recuperação da alegria cristã?

Depois de tudo o que foi dito desde Queiruga, pode-se compreender que não se trata de um sentimento imediato e superficial como o que, em suas deformações, em certos movimentos carismáticos se consegue sentir²⁷⁵. A seriedade do mal no atormentado, enigmático e ameaçado mundo remete ao realismo supremo e à densidade encarnatória da vida cristã. A alegria da qual se fala, refere-se à experiência global que suscita no cristão o saber-se na presença de Deus, em seu sentido último e radical e, também, no fato de perceber a própria vida envolta no mistério insuperável de sua graça amorosa e salvífica²⁷⁶.

²⁷³ Cf. *Ibid.*, p. 158s.

²⁷⁴ Cf. *Ibid.*, p. 164.

²⁷⁵ Uma das propostas principais dos pregadores das igrejas carismáticas é a de banir da vida humana a doença, a pobreza e todo tipo de sofrimento. Com isso, pretende-se produzir uma nova geração de fiéis – rica e fisicamente saudável. Cada grupo, de acordo com o perfil carismático, escolhe o que crer e determina a própria liturgia, investindo no que mais lhe interessa. Algumas pessoas procuram desenvolver um ministério de cura e de libertação, outras de batalha espiritual, cura interior, espíritos territoriais, mapeamento espiritual e prosperidade financeira. Cf. P. ROMEIRO. *Decepcionados com a Graça: esperanças e frustrações no Brasil Neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 88.

²⁷⁶ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. p. 191.

Vive-se hoje numa dialética entre o ascetismo cristão e a busca pela satisfação terrena. Isso impõe uma releitura do *ascetismo* cristão que, talvez devido a influências dualistas, do *corpo* em oposição ao *espírito*, de origem gnóstica, tendeu a se converter em algo autônomo que gira sobre si mesmo. Compreende-se assim, como se a renúncia e a dor fossem valores em si mesmos e não negatividade reais que só se tornam positivas como aceitação do inevitável, no serviço do amor, ou na realização digna da vida. Textos como: “quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Lc 9,23), muitas vezes tomados em separados e sem contexto, marcam a orientação de uma piedade errônea e são considerados por muitos como o selo do cristão autêntico²⁷⁷.

No entanto, é importante não se negar o valor de textos como este e muito menos encobrir a cruz. O problema é que já não se pode ignorar que o isolamento os deforma. O que Queiruga esclarece é que Jesus não viveu para a cruz. Se a cruz é de tal modo exaltada e a vida e a ação de Jesus acabam sendo reduzidas a ela, o que acontece é que ela passa a ser, angustiante e aflitiva. Neste caso ela torna-se incapaz de convidar ao seguimento, ou de acender a esperança. É preciso ver a cruz como realmente ela foi: um episódio que nasceu da vida plena e transbordante, e da liberdade soberana, que fez Cristo ser capaz de enfrentar a própria morte e mostrar justamente o valor, a coerência e a plenitude desse tipo de vida.

A experiência global não é a experiência de uma vida triste, assombrada pela sombra escura da morte, mas a experiência de uma vida plena que faz Paulo exclamar: “morte, onde está tua vitória?” (1Cor 15,55)²⁷⁸. É importante que outros textos de renúncia e de abnegação sejam interpretados assim. Pois, isolados em si mesmos, são como uma espécie de condição absoluta, necessária para a aceitação do ser cristão, que atormenta a vida e estreita o espírito. Além de converter-se em imposição que gera ressentimento e impregna negatividade ao próprio fato de ser cristão. Deste modo esquece-se o fundamental, pois o que ali se expressa é consequência, mas nunca será algo fiel ao princípio. A assunção da cruz se apoia decisivamente em um novo tipo de vida, nascido do encontro com o Deus de Jesus²⁷⁹.

²⁷⁷ Cf. *Ibid.*, p. 193.

²⁷⁸ Cf. *Ibid.*

²⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p. 194.

4.3.1 Superando a carga religiosa pela alegria da salvação

Em Jesus percebe-se a revelação plena de Deus Pai como Salvador. Isso faz superar outro equívoco que é o de uma imagem de Deus e da religião como obrigação suplementar que vem *sobrecarregar* a vida. O ser humano está no mundo com sua *carga* normal realizando seu ser no exercício da liberdade. A consciência religiosa chega em seguida, impondo-lhe mandamentos que deve cumprir, limites que não pode transgredir e práticas que, obrigatoriamente, necessita acrescentar à sua vida ordinária. Deste modo, a religião aparece forçosamente como uma *sobrecarga* e, Deus como um *Senhor* que impõe obrigações e que oferece o conseqüente prêmio, ou castigo como horizonte inevitável.

Definitivamente, o que a existência histórica do ser humano, enquanto ser finito, tem de dureza, como realização ativa e de esforço de superação da natural entropia do real, luta para escalar a degradante vertente do instinto. Ou seja, todo o trabalho do ser humano, se põe na conta da religião e acaba sendo como que uma imposição por parte de Deus, da qual ele bem poderia livrar²⁸⁰.

Assim, por pouco que se reflita, essa é uma visão falsificada. O ser, autenticamente humano, comporta em si mesmo uma dificuldade inerente a própria humanidade e que atinge a todos, crentes e não crentes. Todos precisam enfrentar a dura tarefa de se construir a si mesmo. Nesse sentido, qual é a exata incidência do religioso no esforço para ser autenticamente humano? É importante que a resposta abandone os preconceitos para tentar se encontrar a si mesma e partir do verdadeiro rosto do Deus de Jesus.

É preciso compreender o que foi dito de Deus como *Abbá*, que aparece como amor que salva e se põe sempre ao lado do ser humano, contra o mal em todas as suas formas. Mostra-se, então, como aquele cuja presença sempre traz a salvação e nada mais do que salvação. É verdadeiramente Aquele que aparece como o amor sem reservas e a positividade pura. Assim, a religião, longe de se apresentar como uma *carga*, necessita ser o que é e precisa manifestar-se como deve ser, isso auxilia o humano a delicada e respeitosamente oferecer-se, na infinita generosidade da sua entrega²⁸¹.

²⁸⁰ Cf. QUEIRUGA, A. T. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*, p. 195.

²⁸¹ Cf. *Ibid.*, p. 196.

Essa é a experiência religiosa autêntica. Vem desde o sentir-se sozinho, entregue à própria fraqueza, enfrentando a tarefa do existir. Assim o homem religioso entra em novo âmbito, no qual se sente acompanhado e sustentado. Deus não agrava a sua vida. Esta já é dura e difícil por si só. Também não suprime suas dificuldades, nem exime seus filhos da luta, pois a livre responsabilidade continua sendo sua essência. Mas o ser humano, muitas vezes, não sabe que não está só, que Alguém, maior do que ele e do que todas as forças adversas está a seu lado²⁸².

Na experiência cristã isso fica mais evidente e chega a superar o humanamente imaginável. É capaz inclusive de inverter a negatividade do mal, permitindo exclamar que *tudo é graça!* Por isso Jesus se apresenta anunciando uma *boa notícia*, um *euangéllion*. E por isso, a vida cristã, sem se ver livre do assalto do mal, tampouco do peso do pecado, acaba sendo antes de tudo, entrega confiante, louvor e ação de graças²⁸³.

Quando a pessoa se conscientiza desta verdade, da alegria de saber-se sustentada, desejada e chamada pelo amor de Deus, essa alegria de viver se estende sobre toda a existência daquele que crê. A pessoa não fica eximida da dureza da vida, mas sabe que agora pode assumi-la baseando-se em uma confiança invencível, porque: nada poderá afastá-la *do amor que Deus nos tem em Cristo Jesus* (cf. Rm 8,39)²⁸⁴.

4.3.2 Alegria cristã: um projeto libertador divino

Após se ter observado todo o tema da alegria cristã, necessita-se indicar o que Queiruga chama de “eixos fundamentais sobre os quais a alegria da salvação cristã deverá articular sua presença no mundo”²⁸⁵.

Neste sentido, primeiramente se deve apresentar o projeto cristão como puro e exclusivamente *libertador*. Durante toda a história da revelação não existe nenhuma razão para que Deus queira entrar na existência da história humana, a não ser seu amor salvador, sua decisão irrevogável de libertar e de fortalecer o ser humano, manifestado em Jesus Cristo. Portanto, é necessário formular o princípio hermenêutico fundamental que refutará toda interpretação do cristianismo como restritivo para a realização humana, ou como carga externa e heterônoma sobre a existência que acaba sendo falsa;

²⁸² Cf. *Ibid.*

²⁸³ Cf. *Ibid.*, p. 197.

²⁸⁴ Cf. *Ibid.*

²⁸⁵ *Ibid.*

ao contrário, quanto mais positiva se mostre uma interpretação, tanto mais de acordo estará com o autêntico espírito do cristianismo.

Não existe, também, para o cristão preceitos suplementares, ou cargas adjacentes. A fé é simplesmente uma luz que ajuda a reconhecer na pureza e na profundidade da tarefa ética humana a vontade do Criador. Uma vontade de amor, altruísta, de um Deus que se mostra Salvador em Cristo Jesus, positivamente empenhado em ajudar o ser humano a descobrir seus caminhos e a querer somente a realização plena e autêntica de suas criaturas, capacitando-os a afirmar: “tudo posso naquele que me fortalece” (Fl 4,13)²⁸⁶.

Além disso, é importante confrontar-se com as exigências de uma autêntica autonomia humana. Essa confrontação constitui uma das grandes perguntas da cultura moderna e, talvez, a fonte dos maiores receios diante do cristianismo e da religião. Deus não pode mais ser interpretado como limitação externa à realização do ser humano, como imposição heterônoma à sua liberdade, mas sim na culminância de sua Palavra e na vida de Jesus Cristo. Nele se vê que a relação com Deus não conduz o ser humano para fora de si mesmo, porém ao mais profundo encontro consigo mesmo, à sua realização insuperável.

Assim, a encarnação enquanto lei fundamental e fundacional do cristianismo têm ainda muito a dizer e muito a fazer pensar à teologia atual²⁸⁷. Pois Deus não aliena a autonomia humana, mas ao contrário, concede o fundamento e a graça, interiormente, para o mais autêntico dom de si mesmo. Se os cristãos conseguirem esclarecer e fundamentar esta afirmação fazendo-a brilhar diante da consciência moderna que parte da vida concreta de Cristo – o homem verdadeiro, por ser Filho de Deus –daria um passo incalculável em direção à busca de muitos homens e mulheres do mundo atual²⁸⁸.

E, finalmente, é importante mostrar de forma efetiva o caráter libertador de Deus na libertação sócio-histórica do ser humano. O mundo, hoje, suplica pela demonstração prática da Igreja para que a mesma apresente o Deus que diz crer. As igrejas encontram-se diante do desafio concreto de mostrarem que o único interesse de Deus na realização de seu Reino consiste na identificação de sua causa, com a causa do ser humano. É necessário,

²⁸⁶ Cf. *Ibid.*, p. 198

²⁸⁷ Cf. *Ibid.*, p. 199.

²⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p. 200.

portanto, demonstrar que o Reino dos céus se realiza quando e, somente quando na terra, também os crentes se esforçarem para conseguir que a justiça, a liberdade e a fraternidade reinem entre todos²⁸⁹.

4.3.3 Alegria que vai além

Se os crentes em Cristo Jesus vivessem de fato toda a proposta de alegria concedida por Deus, apesar de todo o mal, a imagem de Deus brilharia por si mesma, trazendo uma afirmação humana para um âmbito de plenitude infinita, no mistério da comunhão pessoal com Deus. Plenitude gratuita, transcendente e que se realiza no amor, de forma concreta e, absolutamente, real²⁹⁰.

Para Paulo fica eliminada toda e qualquer negação do ser humano: “portanto, não existe mais condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus” (Rm 8,1); em contrapartida, fica toda a afirmação: *tudo é vosso* (cf. 1Cor 3,21). No meio, entre esse *tudo* e esse *nada*, está a experiência da salvação em Cristo: a certeza do sentir-se amado e acolhido por Deus, a alegria invencível de saber que a própria existência está transpassada por um amor maior no qual todos os obstáculos são superados e que se sustenta por uma esperança mais forte do que o fracasso e a morte²⁹¹.

Há assim uma sensação espontânea não de encolhimento e de limitação, mas de plenitude, de transbordamento do *muito mais* (cf. Rm 5,15.17.20). Um *muito mais* que se situa além de toda possível heteronomia e que, inclusive, supera qualquer expectativa de autonomia imanente.

Vive-se num tempo de crises e de ameaças e, justamente, como nos dias de Jesus. É tempo de oferecimento do Deus de Jesus. Um Deus que “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). Assim como Queiruga cita a magnífica afirmação de santo Irineu: “a glória de Deus é o homem vivo... e a vida do homem é a visão de Deus”²⁹² é preciso, como cristãos, anunciar essa dupla afirmação, a visão de um Deus que é parceiro do ser humano e que quer sua total realização, pois nela ele será totalmente glorificado.

²⁸⁹ Cf. *Ibid.*

²⁹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 201.

²⁹¹ Cf. *Ibid.*

²⁹² Cf. *Ibid.*, p. 202.